

na Corte, entre 24 de dezembro de 1829 e 13 de outubro de 1831, editando 180 números, era um desses pequenos jornais, reles pasquim apesar de sua duração longa para a época, tratava de assuntos pessoais, como era costume, mas nele se encontram também, estudados, analisados, discutidos, os grandes problemas da fase histórica: a discriminação racial e o trabalho escravo, os males da grande propriedade, a afronta da intromissão de estrangeiros nos negócios internos do país, a liberdade religiosa, as franquias democráticas. O jornal pertencia a Ezequiel Correa dos Santos, homem de 30 anos quando o lançou, formado em farmácia, com loja na rua das Mangueiras: liberal de esquerda, que aproveitou os serviços do foliulário João Batista de Queiroz, que se iniciara na imprensa com o *Compilador Constitucional, Político e Literário Brasiliense*, do início de 1822, e responderia a vários processos, passando do jornalismo de esquerda liberal, como *A Nova Luz Brasileira*, *A Matraca dos Farroupilhas*, *O Jurujuba dos Farroupilhas*, ao de direita mais reacionária e até restauradora, como *A Lima Surda*, *O Pai José*, *A Babosa*, *O Restaurador*, *O Tamoio Constitucional*, com participação em *O Caolho* e *O Permanente*, conforme elucidou Evaristo da Veiga. Pasquins de esquerda e de direita, como se verifica, redigidos pela mesma pena, dando o traço geral: a violência de linguagem não era específica da esquerda liberal, como querem fazer crer alguns estudiosos.

A época apresentaria casos curiosos, como o de Sales Torres Homem, médico que ingressou na diplomacia pela mão de Evaristo da Veiga e tirou na França o curso de Direito, redigindo ali, com Porto Alegre e Gonçalves de Magalhães, uma revista literária. Mestiço, de origem humilde, parece que neto de escrava, Sales Torres Homem participou das campanhas liberais, escreveu em *O Independente*, ao lado de Rodrigues Torres, mas distinguiu-se particularmente com o opúsculo *O Libelo do Povo*, que assinou com o pseudônimo de Timandro, e em que gravou o perfil de D. Pedro I, “vergôntea dessa estirpe sinistra a que Portugal deveu, durante dois séculos, o fatal declínio do seu poder e importância como nação, o aniquilamento de sua indústria, a supressão de suas franquezas”; e em que evocaria a “longa sucessão de reis ignorantes, cruéis e depravados”, citando-os: João IV, pusilânime e incapaz; Afonso VI, crápula; Pedro II, moedeiro falso, vendido aos interesses estrangeiros; João V, herdeiro de vícios; José I, ignorante e nulo; Maria I, louca; João VI, falso e poltrão. Linguagem característica de pasquim, em tudo e por tudo idêntica à que empregaria, por exemplo, *A Matraca dos Farroupilhas*, que chamava Feijó “padre imoral”, “ministro de Satanás”, “sedutor e alcoviteiro”, que “viera à luz do dia num chiqueiro de porcos”; seguida nessa toada pelo *Clarim da Liberdade*.